

[illegible]

ro Afonso de O. Prata Basílio é uma das personagens. Embora o escritor tenha feito atravessar outras situações semelhantes às do Conselheiro Acgãna da metáfora {Pacheco}, foi aquele que ficou como parâmetro moralismo, da burocracia, da retórica, do alho moralismo. Carnação de um largo espectro do ridículo humano.

# Ficha Técnica

Título: Dicionário do nome das coisas

Autor: Orlando Neves

Design de capa: 3designers gráficos

Revisão: Frederico Sequeira

ISBN:9789895556489

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Orlando Neves, 2003

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

[www.oficinadolivro.leya.com](http://www.oficinadolivro.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

## BREVES PALAVRAS

Segundo os dicionários, epónimo (do grego *eponomos*, de *epi*, «sobre», e *onuma*, «nome») designa «aquele que dá o seu nome a qualquer coisa». No sentido amplo da palavra, todo o patronímico pode ser epónimo (o nome, o apelido, o pseudónimo, a alcunha) e não tem de ser, obrigatoriamente, o nome de uma «pessoa», poderá ser o de uma personagem ficcional, escrita ou oral, de um qualquer deus ou herói, seja de que mitologia for. Mais longe ainda, os epónimos podem surgir de nomes de países, regiões, montanhas, plantas, mares, rios, minerais, etc. Estamos num mundo de significações quase inesgotável, pelo que houve que fazer escolhas, obviamente seguindo o critério do autor e em função de uma dimensão razoável do livro. Evitaram-se, porém, os demasiadamente óbvios, que qualquer dicionário inclui, como, por exemplo, marxismo, darwinismo, quixotismo, shakesperiano, etc. Do mesmo modo, ficou praticamente de fora o infindável acervo de epónimos científicos, sobretudo os relativos à medicina, quase sempre incompreensíveis para a média dos leitores não especializados nas respectivas matérias ou ciências.

Mas, o que fica, talvez proporcione uma leitura esclarecedora e agradável, afinal, o objectivo último de obras deste género.

*Orlando Neves*

# A

## ACACIANISMO

O Conselheiro Acácia de *O Primo Basílio* é uma das personagens-símbolo de Eça de Queirós. Embora o escritor tenha feito atravessar outras suas personagens de caracterizações semelhantes às do Conselheiro Acácio (Gama Torres, Margaride, Pacheco), foi aquele que ficou como paradigma da mediocridade, do convencionalismo, da burocracia, da retórica, do falso moralismo, do vazio mental, encarnação de um largo espectro do ridículo humano.

## ACADEMIA/ACADÉMICO

O termo, divulgado em praticamente todo o mundo ocidental, deve-se ao facto de assim se ter chamado à escola de Platão. Não fora isso e aquele que lhe deu origem nunca teria deixado de ser um obscuro personagem da mitologia grega.

E que «academia» deriva de *Akadémos* e foi nome próprio. *Academus* ou *Hecademus*, via latim, etimologicamente, origina-se do grego *hekás* (aquele que age longe) + *dêmos* (povo), o que, em tradução livre, significaria «aquele que age livremente, fora das pressões do povo».

Helena, a de Tróia, antes de ser levada por Páris, foi raptada por Teseu, herói de Atenas. Espartana, tinha como irmãos os gémeos Dioscuros, Castor e Pólux (filhos de Zeus, *diós*, e *Kúroi*, filhos). Trataram de procurá-la na Ática. Não estavam a ser muito bem-sucedidos, quando surgiu Academo, que vivia perto de Atenas e, não se sabe como, era conhecedor do local onde a jovem fora aprisionada, uma

fortaleza na cidade de Afidna. Comunicou a informação aos gémeos, estes libertaram Helena e ficaram gratos a Academo, a quem pouparam a propriedade aquando das guerras com Atenas. Essa pequena quinta localizava-se a mil passos (cerca de dois quilómetros) da capital grega, para além do bairro do Cerâmico e era conhecida como a *Akadémeia*.

Platão, que morava perto, aproveitava os jardins da zona para dar as suas aulas. Academo já tinha morrido há muito, mas o túmulo ainda subsistia. O filósofo deve ter comprado o terreno (era de família nobre e rica) e ali construiu o seu estabelecimento de ensino, constituído por salas de aulas, alojamentos para os alunos e o *Museum*, edificação dedicada às musas e que era, de facto, a biblioteca da «universidade».

Todo o conjunto passou à posteridade como a «Academia de Platão».

## **ADA**

Para os que conhecem a fundo a história da tecnologia que deu origem aos computadores, certos termos da linguagem de programação homenageiam cientistas precursores, como o «pascal» ou o «ada». Este, teve origem em elocubrações matemáticas de Augusta Ada Byron, a filha do poeta Byron, que, evidentemente, jamais lhe terá passado pela cabeça que os programas que, abstractamente, construía, mais de um século depois viriam a contribuir para a criação dos ordenadores.

## **ADÓNIS**

Os dicionários dizem-nos que um «adónis» é um «rapaz elegante, moço bonito que anda encantado consigo

mesmo».

Adónis é, de facto, uma figura mitológica que simboliza a beleza masculina jovem. A palavra é de origem sírio-fenícia. Nestas línguas *adon* significa «mestre, senhor». Em hebraico, *Adonai* é o nome de Deus.

Adónis, como divindade, é de origem babilónica e, como sinónimo de «senhor», aplicava-se a Tāmuz, deus antiquíssimo dos Assírios, ligado à natureza e à vegetação. Passou depois para a mitologia grega e foi uma das grandes paixões de Afrodite, a Vénus grega.

Como sempre, na mitologia há várias versões sobre a história do jovem. Eis o que diz uma delas.

Adónis era filho de Cíniras, rei de Chipre e pai de Mirra. Esta donzela incestuosa, ajudada pela sua aia e com o auxílio da noite, misturou-se com as mulheres do seu pai. Cíniras, apenas descobriu o crime da filha, enfureceu-se e perseguiu-a até ao país dos Sabeus, onde ela se salvou. Cansada de se ver desterrada, Mirra implorou aos deuses a sua transformação de modo que não fosse morta nem viva; foi pois transformada na árvore que tem o seu nome. Adónis, nascido desta árvore, foi ternamente amado por Afrodite. Ares, cioso da preferência de Afrodite, incitou um javali que se lançou contra o seu rival e o despedaçou. Afrodite correu em auxílio do amado, mas chegou tarde, encontrando-o já sem vida; então transformou-o em anémoma e fez com Perséfone, também apaixonada por ele, um tratado pelo qual esta o guardaria no inferno seis meses durante o ano, e ela o possuiria na terra os outros seis depois de ressuscitado em forma de belo rapaz.

## **AFRODISÍACO**

Usando palavra menos comum também podia dizer-se «venéreo», porque estamos no domínio dos deuses, mais

bem dito, das deusas. Será afrodisíaco ou venéreo tudo o que excita a sensualidade, o apetite sexual. Provado ou não, crêem alguns que, por exemplo, certos alimentos (os cogumelos, a pimenta, as ostras, etc.) são excitantes do desejo sexual. Chamam-lhes afrodisíacos porque a deusa grega do amor era Afrodite, que, numa versão mitológica, terá irrompido da espuma causada no mar pela descarga de sangue e espermatozoides de Úrano, deus que personificava o céu, mutilado pelo filho Crono, devido à enorme potência do pai que obrigava a mãe Geia, a personificação da Terra, a parir filhos uns atrás dos outros. Os romanos apropriaram-se de Afrodite, chamando-lhe Vénus, donde «venéreo», curiosamente termo mais usado para classificar as doenças sexuais.

## **AGARENO**

Nos dias que correm é habitual nos meios de comunicação o aparecimento desta palavra como sinónimo de «muçulmano, maometano, islamita, etc.», embora o seu uso tenha sido mais frequente em séculos passados (os autores do renascimento clássico referem-se-lhe frequentemente, entre eles, Camões nos *Lusíadas*). Segundo o *Génese*, Agar era uma escrava egípcia de Sara, mulher de Abraão (o nome não seria esse então, porque Agar significa «peregrina, emigrante, fugitiva», que só veio a justificar-se após a sua história de vida). Como Sara, já velha, se tinha revelado estéril ela aconselhou o marido a tomar a criada como amante para que um seu filho fosse o herdeiro — sendo Agar propriedade de Sara, uma criança dela nascida seria contada como da própria Sara. Agar deu à luz Ismael e com isso ensoberbeceu-se e entrou em conflito com a dona pelo que foi expulsa de casa, fugindo para o deserto com o filho, Ismael. Mas um anjo de Jeová surge-lhe e manda-a



regressar ao lar de Abraão, garantindo-lhe que Ismael irá ter uma numerosa descendência. Entretanto, a mulher de Abraão, inesperadamente, tem um filho, Isaac. De novo, Agar entra em conflito com Sara e é outra vez expulsa. Prestes a sucumbir, ela e a criança, à fome e à sede, no deserto de Bersabeia, encontra um poço («poço do que vive e me vê», como se afirma no *Génesis*) e ambos sobrevivem. Agar torna-se, através do filho Ismael, a antepassada das doze tribos do deserto da Arábia, a mãe Agar, que irá ser considerada, como o filho, descendente de Abraão, aceite como um dos profetas anteriores a Maomé. Daí a sinonímia de *agareno* ou ismaelita, com «muçulmano, mouro, etc.». No santuário de Meca vê-se ainda a impressão do pé de Abraão numa pedra sagrada, assim como os túmulos de Agar e de Ismael. Durante muito tempo os mouros auto-intitulavam-se «os netos de Agar».

## AGOSTO

Após a batalha de Accio, em que Caio Júlio César Octávio (sobrinho do assassinado Júlio César) derrotou Marco António, Roma atribuiu-lhe o título de imperador, a que acrescentou o cognome de *augustus*, que significa majestoso, venerável, magnífico (do verbo *augeo*, que quer dizer «aumentar, engrandecer, glorificar, tornar-se maior»).

Ora num certo mês *sextilis*, o sexto do antigo calendário latino que começava no actual mês de Março, Octavio Augusta entrou em Roma com três sensacionais vitórias: submetera o exército de Janículo, submetera Cleópatra no Egipto e pusera definitivo termo à guerra civil, iniciando um período de paz e grande desenvolvimento cultural (é a época de Horácio, Virgílio, Ovídio, Catulo, Marcial, etc.) que ficou conhecido como «a paz octaviana».



O mês anterior, o *quintilis*, *tinha* mudado de nome por decisão do seu tio Júlio César. Passara, em sua honra, a chamar-se *Julius* (Julho). Octávio Augusto resolveu fazer o mesmo ao tal sexto mês em que festejara as vitórias: cerca de duas dezenas de anos a. C. pôs-lhe o nome de Augustus (donde veio Agosto). Esta ambição de se engrandecer tanto como o tio, segundo certos autores, levou-o mais longe: aumentou um dia ao seu Agosto para ter o mesmo número de dias de Julho. Como se sabe, no actual calendário, Agosto já não é o sexto, mas o oitavo mês.

## **ÁGUA-DE-COLÓNIA**

Trata-se de um perfume inventado pelo químico italiano Giovanni Farina, à base de álcool e óleos cítricos. Pôs-lhe o nome de *Keilnisch Wasser* (água-de-colónia). Farina, à época, morava no número 4711 da Glockengasse, da cidade alemã de Colónia (Köln), fundada pelo imperador romano Cláudio, que lhe chamou «Colonia Agrippina», sua mulher. Segundo parece só a água-de-colónia que traz no rótulo «4711» é a autêntica.

## **ALABASTRO**

Mineral translúcido semelhante ao mármore. Virá o seu nome de Bast, deusa egípcia, com corpo de mulher e cabeça de gato? Virá do nome da cidade de Alabastron, do Egipto antigo?

## **ALEXANDRINO**

Chamam-se alexandrinos os versos de doze sílabas métricas, também ditos dodecassílabos. No alexandrino clássico, os acentos recaíam na 6.<sup>a</sup> e na 12.<sup>a</sup> sílabas, mas no período romântico surgiram outras cadências.

Considerou-se que este tipo de verso se apropriava mais, pela sua amplitude e ressonância, à poesia épica e à tragédia (embora Camões tivesse preferido o decassílabo). O alexandrino surgiu em poemas medievais franceses (o *Romance de Alexandre*, séculos XII e XIII, atribuído a vários autores, talvez a Alexandre de Bernay ou a Gautier de Chatillon) que se dedicavam à narração da vida e dos feitos de Alexandre Magno.

## **ALFARRÁBIO**

Tudo leva a crer que o livro velho ou antigo denominado «alfarrábio» provém do nome próprio árabe de Abu bem Uzlâg al-Farabi, por ser natural de Farrabe, no Turquestão. Viveu em Bagdade onde morreu em 950 com 80 anos. Ficou célebre pela sua obra e por ser apontado como «o segundo sábio». O primeiro seria Aristóteles, a quem Al-Farabi dedicou grande parte do seu trabalho, sendo considerado um dos mais inteligentes comentadores da filosofia aristotélica.

## **ALGARISMO**

O que é natural ou está relacionado com *Khvarazm*, região da Ásia Central, na Pérsia, hoje conhecida por Khiva.

Deram os árabes o sobrenome de *al-Kuarizmi* a um célebre matemático, Abu Jafaz Muahammad iben Muça, autor de um compêndio onde utilizava os símbolos hindus, hoje ditos árabes, que ficaram conhecidos como «algarismos».

## **ALPINISMO**

Desporto caracterizado pela escalada de altas montanhas, em qualquer parte do mundo. Mas o nome do desporto, diz,

unicamente, respeito à cordilheira dos Alpes, situada entre a França, Itália e Suíça.

## **AMBROSIANO (CANTO)**

Trata-se de um canto litúrgico, executado em uníssono por vozes masculinas, semelhante ao gregoriano. Santo Ambrósio (340-397) nasceu em Tréveros, filho de um prefeito das Gálias, e dedicou-se, inicialmente, à advocacia até ser eleito bispo de Milão. Evidenciou-se de tal modo pela cultura, inteligência, dotes oratórios e políticos que se tornou o braço direito dos imperadores Graciano, Valentiniano II e Teodósio. Além de obras sobre as Escrituras, tratados de moral e ascética, deixou hinos religiosos, como o *Veni Redemptor omnium*. Gregório I, papa de 590 a 604, codificou os hinos de Ambrósio e muitos outros, criando o que chamou *cantus romanus*. Só após a sua morte se lhe deu o nome de «gregoriano».

## **AMÉRICA**

Colombo descobriu a América, dizem os livros, o que não é líquido, mas se aceitou. Tê-lo-á feito, mas nem ele nem ninguém pôs nome ao continente encontrado. O geógrafo alemão Martin Waldseemuller, autor de cartas-atlas, publicou, em 1507, uma obra intitulada *Cosmogoniae introductio...* (o título é extensíssimo) onde assinalava o continente com o nome de *Americi terra vel America* (a terra de Américo ou América). Porquê? Ao pesquisar as suas fontes, encontrou entre elas textos de um tal Américo Vespucci (1454-1512), dirigidos aos Medici, em que relatava as suas viagens marítimas. Era um florentino, comerciante e navegador e, sobretudo, um inveterado mentiroso. Inventou viagens que nunca fez, vangloriou-se de proezas jamais

cometidas. Sabedor dos feitos de Colombo, autoconsiderou-se descobridor, em 1497, de umas terras a que chamou o Novo Mundo (Colombo chegara à América em 1492). O geógrafo alemão soube que fora enganado e quis rectificar, mas o nome América já se espalhara e não foi possível mudá-lo. O historiador Frei Bartolomeu de Las Casas (1474-1566) ainda propôs que lhe chamassem Columba, sem êxito, também. A América nasceu de uma mentira.

## AMONÍACO

Gás incolor, de cheiro vivo e sabor acre, formado por um átomo de azoto e três de hidrogénio (NH<sub>3</sub>). Chama-se «agasilide» a planta donde se extrai o sal ou a goma amoníaca.

Como muitas vezes sucede, a própria palavra contém, escondido, o indício da sua origem. É o caso: as primeiras quatro letras — Ámon.

Ámon foi o principal deus da mitologia egípcia que os gregos identificaram com Zeus e os romanos com Júpiter. Inicialmente, Ámon era um insignificante deus local, talvez em Tebas. O seu clero, porém, elevou-o aos píncaros e tornou-o deus oficial da política e dos faraós. Agregando ao nome *Re* ou *Ra* (o antigo deus do Sol) passou a ser cultuado como Ámon-Rá. Havia na Líbia um templo que lhe era dedicado. Junto dele florescia a tal planta donde se extraiu a goma que foi chamada *ammoniakon*, à letra, «vinda do país de Ámon».

Outra versão, talvez fantasiosa, que nada altera à origem, pressupõe que os primeiros sais amoniacaís se obtinham pela sublimação dos cogumelos provenientes da combustão dos excrementos dos camelos estacionados junto ao templo.

O gás, propriamente dito, só foi descoberto em 1612, por Kunckel, e a sua composição exacta estabelecida em 1785 por Berthollet.

## **AMPERE**

Foi em 1881 que, no Congresso Internacional de Electricidade, realizado em Paris, se deu o nome de «ampere» à unidade de intensidade da corrente eléctrica. Pretendeu-se assim homenagear a memória de André Marie Ampère (1775-1836), matemático e físico francês, autodidacta, fundador da electrodinâmica e célebre pelas suas abstracções em vários campos da ciência, como no das probabilidades e no cálculo de variáveis.

## **ANFITRIÃO**

Hoje, significa «aquele que recebe convidados em sua casa».

Mas começou por ser um nome próprio grego, *Amphitryon*, que parece querer dizer «o que provoca devastação por toda a parte».

Houve, de facto, um Anfitrião, célebre na mitologia helénica, general guerreiro que praticou grandes façanhas. Casou com sua prima Alcmena, filha de um rei de Minas. Envolvido, a dada altura, numa batalha, Anfitrião, no seu regresso a casa, tem uma enorme surpresa.

A estonteante beleza, pelos vistos, de Alcmena, pusera a cabeça à roda ao pai dos deuses, Zeus, que, aliás, era useiro e vezeiro em aventuras extraconjugais que iravam a consorte oficial, Hera. Como Alcmena era de uma fidelidade total ao amado Anfitrião, o senhor do Olimpo teve de usar os seus poderes para a seduzir. Travestiu-se de Anfitrião e entrou-lhe em casa, sendo entusiasticamente recebido por

Alcmena que de nada desconfiou. Ainda por cima, Zeus, usando da sua onisciência, narrou-lhe os resultados da batalha, com todos os pormenores, durante as três noites de paixão que com ela passou.

Quando o verdadeiro marido volta a casa, disposto a contar os seus feitos, verifica, com espanto, que Alcmena já sabe de tudo. Intrigado, Anfitrião foi consultar o adivinho Tirésias e este, não deixando os seus créditos por mãos alheias, revelou-lhe o que se passara. Anfitrião ainda quis queimar viva Alcmena, mas Zeus impediu-o porque ela estava grávida de si e daria à luz o maior herói da mitologia grega. Assim nasceu Herácles.

O dramaturgo latino Plauto (254-184 a. C.?) fez do assunto o argumento de uma comédia. Sobre o mesmo tema, há na literatura portuguesa, entre outras obras menores, o *Auto dos Enfatriões*, de Luís de Camões, e a opereta de António José da Silva, «o Judeu», *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*.

Mas crê-se que a mudança do antropónimo Anfitrião para substantivo comum se deve, sobretudo, a Molière que, em 1668, escreveu uma comédia com o mesmo título da de Plauto, *Anfitrião*. Basear-se-á essa mudança numa cena em que Sócia (ver), uma das personagens, não sabendo se está realmente a falar com Zeus (Sócia era Mercúrio disfarçado — e confuso), se com o general Anfitrião, ao ser convidado a sentar-se à mesa para comer, diz:

*[...] le veritable Amphitrion  
est l'Amphitrion où l'on dine [...]*

Isto é, «o verdadeiro Anfitrião é aquele em casa de quem se come», frase que transformou o sentido da palavra.

## **APOLÍNEO**

Proveniente de Apolo, deus grego, nascido em Delos, filho de Zeus e Latona, irmão gêmeo de Artemis. Invocado como deus expulsor dos males e salvador porque protegia a saúde, a paz e o equilíbrio mental, era também a divindade do Sol, da luz, da música, da poesia e da eloquência e presidia às nove Musas, que viviam no monte Parnaso, perto de Delfos onde existia o grande santuário dedicado a Apolo. Além de deus da moderação e das artes, predizia o futuro, a *manteia*, palavra grega que originou, em português, «mancia», presente em quiromancia (de *Kheir*, mão), cartomancia, nigromancia, etc.

«Apolíneo», o que diz respeito a Apoio, é termo que surgiu com significados filosóficos e psicológicos quando Nietzsche o usou para definir a tragédia grega, em oposição a «dionisíaco», do deus Dioniso. Apolíneo é assim aquele que personifica o sonho sereno, a clareza, a beleza, a harmonia, a racionalidade, contra o dionisíaco, que simboliza o delírio, o êxtase, a embriaguez dos sentidos, a exuberância, a irracionalidade, forças poderosas igualmente da personalidade humana.

## **AQUILEIA/AQUILES, CALCANHAR DE**

A aquileia é uma planta da família das Compostas, de flores radiadas, brancas, purpurinas ou amarelas. A espécie mais vulgar é a aquileia mil-folhas. Desde os gregos, a planta era tida como possuidora de poderes cicatrizantes e desinfectantes, sendo conhecida como «a erva de Aquiles». Na mitologia helénica conta-se que Télefo, filho do rei da Mísia, foi ferido, quando se dirigia para o cerco de Tróia, pelo próprio Aquiles. Mas foi este quem, colhendo uma planta, aplicou as suas folhas ao jovem e o curou. Assim surgiu a